



Universidade Federal da Bahia - UFBA
Escola de Dança
Programa de Pós-graduação Profissional em Dança - PRODAN

ELINILSON DO ESPÍRITO SANTO SOARES

Encruzilhada: Dança e Comunicação entre pessoas Surdas e Ouvintes

SALVADOR
2025

ELINILSON DO ESPÍRITO SANTO SOARES

Encruzilhada: Dança e Comunicação entre pessoas Surdas e Ouvintes

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança PRODAN/UFBA, como pré-requisito para defesa de Mestrado, sob orientação do Prof. Dr. Lucas Valentim Rocha.

SALVADOR

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa (BURMC)

S676e

Soares, Elenilson do Espírito Santo.

Encruzilhada : dança e comunicação entre pessoas surdas e ouvintes [recurso eletrônico] / Elenilson do Espírito Santo Soares. – Dados eletrônicos. 2025.

47 f. : il.

Orientação: Prof. Dr. Lucas Valentim Rocha

Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em Dança (PRODAN).

Universidade Federal da Bahia. Escola de Dança, Salvador, 2025.

Disponível em formato digital, modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br>

1. Dança. 2. Comunicação. 3. Surdez. 4. Inclusão social. 5. Exu (Cultura afro-brasileira).

I. Rocha, Lucas Valentim. II. Universidade Federal da Bahia. Escola de Dança.

CDU: 793.3:316.77(81)

Responsável pela Elaboração – Bibliotecário(a) Daniel Cerqueira Silva (CRB-5/1447)
(Os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via correio eletrônico)



Ministério da Educação
Universidade Federal da Bahia
Programa de Pós-graduação Profissional em Dança
Mestrado Profissional



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE
MESTRADO PROFISSIONAL DO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM DANÇA UFBA – PRODAN

Aos trinta e um dias do mês de maio de dois mil e vinte e cinco, às 9h, no Teatro Experimental da Escola de Dança da UFBA, foi realizada a **Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso do Mestrado Profissional em Dança da UFBA de ELINILSON DO ESPIRITO SANTO SOARES** intitulado “**Encruzilhada: Dança e Comunicação entre pessoas Surdas e Ouvintes**”, com a presença da Banca de Avaliação composta por: Professor Doutor Lucas Valentim Rocha, orientador, docente do PRODAN/UFBA e presidente da banca; Professor Doutor Carlos Eduardo Oliveira do Carmo (Edu O.), participante interno, docente do PRODAN/UFBA; Professora Mestra Marilza Oliveira da Silva, participante externa, docente da Graduação em Dança da UFBA; e a Professora, intérprete de Libras, Especialista, Cintia Santos, participante externa, com reconhecida atuação profissional na área de atuação. Dando sequência à abertura, o mestrando fez a exposição do seu trabalho e, em prosseguimento, cada membro da Banca procedeu à arguição em relação ao trabalho apresentado. Após a finalização dessa etapa, a banca reunida emitiu o parecer conjunto final e indica pela aprovação do trabalho, concluindo assim que **ELINILSON DO ESPIRITO SANTO SOARES** está apto a receber o título de Mestre em Dança pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança-UFBA. Ao final, lavrou-se a presente ata que será assinada pelos membros da Banca e o mestrando. Em 31 de maio de 2025.

Documento assinado digitalmente



LUCAS VALENTIM ROCHA
Data: 02/06/2025 10:07:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente



CARLOS EDUARDO OLIVEIRA DO CARMO
Data: 02/06/2025 11:19:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente



MARILZA OLIVEIRA DA SILVA
Data: 10/06/2025 02:23:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente



CINTIA DE JESUS SANTOS
Data: 11/06/2025 22:41:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Endereço: Av. Ademar de Barros, s/n Campus de
Ondina Salvador- BA CEP: 40170-110

Fone: (71)3283-6572

E-mail: prodan@ufba.br

AGRADECIMENTOS

Agradeço UFBA, Mestrado Dança.

Orientador meu, Lucas Valentim. Trocas. Agradeço.

Banca de defesa, Edu O., Cintia Santos e Marilza Oliveira. Agradeço correções.

William Gomes, trocas, comunicação, Dança. Aprender corpo. Obrigado.

Também foto. Organizar card. Obrigado

Thiago Coehn, Arvorecer, trocas, comunicação, corpo. Obrigado.

Família, me ensinar, eu aprender. Desde pequeno até aqui.

Também Alex Gurunga, tambor, vibração. Aprender. Agradeço.

Daisy, conversas, expressões faciais, corpo, trocas. Obrigado.

Vocês da turma, cada pessoa, Obrigado.

Minha pesquisa, encontro, encruzilhada de Exu. Obrigado!

Obrigado, obrigado, obrigado a todos vocês.

UFBA, primeiro mestre.

<https://www.youtube.com/watch?v=Hc8ZGuuTudo>

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal refletir sobre a acessibilidade na Dança, a partir de uma investigação artística, que tem como foco a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes nos contextos da Dança. Assim, parto da minha experiência como homem, preto e surdo nascido em Salvador/Ba, para problematizar o racismo e o capacitismo. A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa foi a Prática como Pesquisa (Fernandes, 2015). Fui a partir da prática investigativa, encontrando os caminhos da pesquisa que se desenhou a partir do conceito Beijo de Línguas (Toledo, 2017), ao se referir ao encontro entre a Libras e o Português. Nesta pesquisa eu racializo a discussão proposta por Toledo (2017), e encontro no arquétipo de Exu e na encruzilhada as respostas para minha pesquisa. Os resultados da pesquisa indicam a criação de um solo de dança, criado a partir de residências artísticas entre mim e 3 artistas ouvintes da dança. E uma produção bibliográfica que acompanha esta criação.

Palavras-chave: Dança; Exu; Encruzilhada; Comunicação.

ABSTRACT

The main objective of this work is to reflect on accessibility in Dance, based on an artistic investigation that focuses on communication between deaf and hearing people in the context of Dance. Thus, I start from my experience as a black and deaf man born in Salvador/Ba, to problematize racism and ableism. The methodology used to develop this research was Practice as Research (Fernandes, 2015). I started from the investigative practice, finding the paths of the research that were designed from the concept Kiss of Tongues (Toledo, 2017), when referring to the encounter between Libras and Portuguese. In this research, I racialize the discussion proposed by Toledo (2017), and find in the archetype of Exu and at the crossroads the answers to my research. The results of the research indicate the creation of a dance solo, created from artistic residencies between me and 4 hearing dance artists. And a bibliographic production that accompanies this creation.

Keywords: Dance; Exu; Crossroads; Communication.

SUMÁRIO

Palavras iniciais	12
Memorial Capítulo 1	12
Memorial Capítulo 2	12
Memorial Capítulo 3	12
Memorial Capítulo 4	12
Produção Artística	13
Produção Bibliográfica	21

Palavras iniciais

Este TCC, foi escrito por um surdo. Por isso, te convido a acessar o memorial e a introdução da minha pesquisa através dos links a seguir:

Capítulo 1: **A infância, aprendendo a se comunicar e o encontro com a Dança.**

<https://youtu.be/ICCad2gF6s8>

Capítulo 2: **Aprendendo sobre o ritmo, as matrizes africanas e a importância da família.**

<https://youtu.be/7c29bS7uz2A>

Capítulo 3: **Profissional da Dança e da Pedagogia bilíngue.**

<https://youtu.be/nLLAkeD8vNU>

Capítulo 4: **A entrada no PRODAN e a pesquisa.**

<https://youtu.be/U8JBShZlAmQ>

Produção Artística

Espetáculo: Encruzilhadas de Exu

Codireção: Elinilson Soares, Lucas Valentim e William Gomes

Dançarino: Elinilson Soares

Dramaturgia: Lucas Valentim

Colaboração artística: Thiago Coehn

Iluminação: Alex Gurunga

Designer gráfico: William Gomes

Fotos de ensaio:



Figura 1 – Elinilson no ensaio

Fonte: Arquivo pessoal

Descrição da imagem: Elinilson é um homem preto, careca, de calça branca, camisa vermelha aberta na frente e colares de contas. Está em pé em uma sala de Dança com chão de madeira, riscado com giz branco. Ao fundo um espelho e uma barra de balé.



Figura 2 – Elinilson no ensaio 2

Fonte: Arquivo pessoal

Descrição da imagem: Elinilson de está em pé, de calças brancas, camisa vermelha. Está com a língua para fora, mão esquerda na cintura e a direita na cabeça como se fosse uma flor. Faz um movimento em referência à Maria Padilha.



Figura 3 – Elinilson no ensaio 3

Fonte: Arquivo pessoal

Descrição da imagem: Em uma sala de dança com chão de madeira e espelho ao fundo, encontra-se Elinilson, em pé com a língua para fora. No chão riscado de giz, em sua diagonal, tem um par de tênis pretos e um círculo escrito: língua.



Figura 4 – Elementos de cena

Fonte: Arquivo pessoal

Descrição da imagem: Em uma sala de dança, com chão de madeira, espelho na lateral esquerda e janelas ao fundo. No chão uma espécie de mapa desenhado com giz. No centro uma cadeira. Distribuído pelo chão uma bola de espelhos, um fone branco, um alguidar de barro, óleo de dendê e uma roupa vermelha e preta.



Figura 5 – Elinilson no ensaio 4

Fonte: Arquivo pessoal

Descrição da imagem: Elinilson deitado no chão, sem camisa, de calça branca, com a língua para fora, faz um sinal em Libras.

Fotos do espetáculo:



Figura 6 – Cena de abertura

Fonte: Arquivo pessoal

Descrição da imagem: Em um teatro com o chão de madeira e paredes pretas, encontra-se Elinilson. Ele toca um atabaque posicionado no centro do palco ao lado de uma cadeira. No chão um mapa com ícones feitos de giz branco.

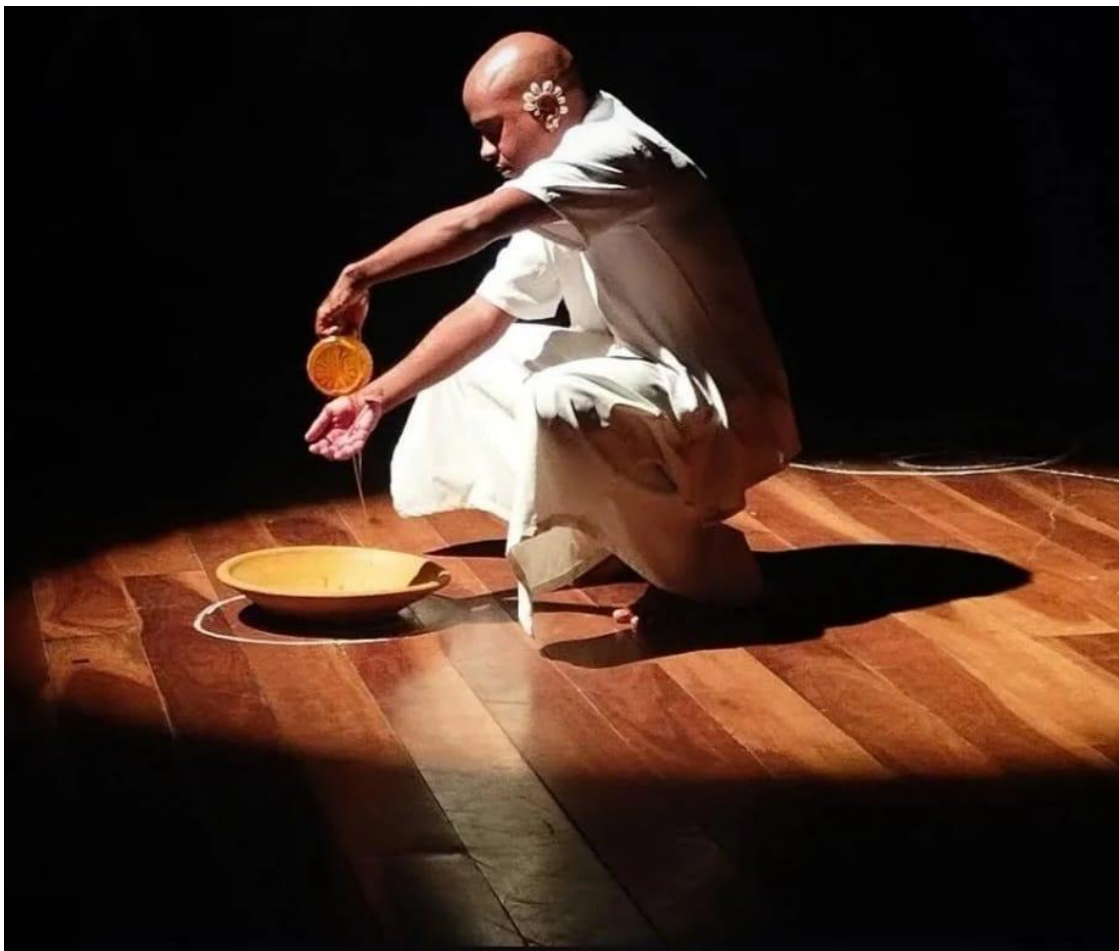


Figura 7 – Lava mãos

Fonte: Arquivo pessoal

Descrição da imagem: Elinilson está acororado, vestido de branco, usa na orelha um adereço com búzios. Em sua frente um alguidar. Ele lava as mãos com óleo de dendê que escorre para dentro do alguidar de barro.



Figura 8 – Vá tomar no cu

Fonte: Arquivo pessoal

Descrição da imagem: De cócoras, com a língua para fora, Elinilson faz o sinal de vá tomar no cu em Libras.



Figura 9 – Exu

Fonte: Arquivo pessoal

Descrição da imagem: No centro do palco, vestido de calça branca e sem camisas, Elinilson sorri e faz o sinal de Exu em Libras.

Link do espetáculo na íntegra:

https://www.youtube.com/watch?v=QJ5YDLHzgmE&list=PL6AQnoTjZWTa1TsGCf_S9DuIMB80D6G2O

Produção Bibliográfica

Texto publicado nos Anais do 8º Encontro Nacional de Pesquisadores da ANDA: <https://proceedings.science/anda/anda-2024/trabalhos/um-texto-para-falar-sobre-encontros-pessoas-surdas-e-ouvintes-na-criacao-em-danca?lang=pt-br>

Um texto para falar sobre encontros: pessoas surdas e ouvintes na criação em Dança

Alex Gurunga (UFBA)
Elinilson do Espírito Santo Soares (UFBA)
Lucas Valentim Rocha (UFBA)
William Gomes da Silva (UFBA)

Danças, Dissidências e Insurgências Gênero, Deficiência e outras
interseccionalidades

Resumo

Este texto, apresenta reflexões sobre três projetos distintos de criação artística em Dança, que se correlacionam a partir da interação entre a cultura surda e a ouvinte como ação artística-política. No primeiro momento, trataremos do Projeto *Beijo de Línguas: Encruzilhada, Dança, Comunicação e Exu*, de Elinilson Soares. Em seguida, apresentaremos o projeto *Vibra Dança*, de Alex Gurunga. E, por fim, o projeto *Feito à Mão*, criado em colaboração com diversos artistas, proposto por Lucas Valentim e William Gomes.

Palavras-Chave: Dança, Criação, Cultura surda, Cultura ouvinte

Abstract

This text presents reflections on three distinct artistic creation projects in Dance, which are correlated based on the interaction between deaf and hearing cultures as an artistic-political action. First, we will discuss the Beijo de Línguas Project: Crossroads, Dance, Communication and Exu, by Elinilson Soares. Next, we will present the Vibra Dança project, by Alex Gurunga. And, finally, the Feito à Mão project, created in collaboration with several artists, proposed by Lucas Valentim and William Gomes.

Keywords: Dance, Creation, Deaf Culture, Hearing Culture

1. Pontos de Partida

Este texto surge do encontro entre 4 artistas-pesquisadores que se interessam pelo desenvolvimento de obras artísticas criadas a partir do encontro entre pessoas surdas e ouvintes. Tal encontro, não se trata apenas, de um espaço coabitado, mas de diálogos interculturais complexos entre a cultura surda e a ouvinte. Para uma pessoa que não se relaciona com a comunidade surda, pode parecer estranho: cultura surda e cultura ouvinte. Karin Strobel (2008), em seu livro, *As imagens do outro sobre a cultura surda*, vai definir da seguinte forma:

A humanidade, ao longo do tempo, adquire conhecimento através da língua, crenças, hábitos, costumes, normas de comportamento dentre outras manifestações. Partindo do suposto que cultura da herança que o grupo social transmite a seus membros através de aprendizagem e de convivência, percebe-se que cada geração e sujeito também contribuem para ampliá-la e modificá-la. (Strobel, 2008, p. 17)

Dessa forma, pessoas surdas desenvolvem uma cultura específica com costumes, hábitos, línguas e acordos éticos que passam de geração em geração. Entretanto, sendo a cultura multável, na medida em que cada pessoa tem certa parcela de responsabilidade na propagação e continuidade de hábitos ou na transformação e recriação deles. “um ser humano, em contato com o seu espaço cultural, reage, cresce e desenvolve sua identidade, isto significa que os cultivos que fazemos são coletivos e não isolados.” (Strobel, 2008, p. 19).

Se cultura é produção coletiva, pressupõe o encontro e a troca entre pessoas. Encontro como criação do ambiente comum, compartilhado, em nosso caso, a criação de danças que surgem em contextos de coletividades entre pessoas surdas e ouvintes. Iremos, aqui, apresentar três experiências distintas que refletem sobre o encontro entre essas duas culturas. Importante pensar como Fiadeiro e Eugênio (2012) que

O encontro é uma ferida. Uma ferida que, de maneira tão delicada quanto brutal, alarga o possível e o pensável, sinalizando outros mundos e outros modos para se viver juntos, ao mesmo tempo que subtrai passado e futuro com a sua emergência disruptiva (Fiadeiro e Eugenio, 2012, p. 65)

Uma ferida, não se faz apenas com prazer. Uma ferida pressupõe desassossego, incomodo e dor. Uma ferida rompe a tecitura lisa e faz escapar

fluidos internos. O encontro, nesse sentido, é mais que harmonia. O encontro é diferença, é instabilidade é assumir o risco de largar das mãos das certezas mais íntimas e deslocar-se na direção de um lugar limiar, entre o eu e o outro.

Dividiremos nosso texto em três partes, a primeira apresenta a pesquisa de mestrado¹ de Elinilson Soares, que propõe refletir sobre o beijo de línguas (Lucena, 2017), como uma encruzilhada, a partir do encontro entre o Português e a Libras. A segunda parte, trata de apresentar questões sobre a pesquisa de mestrado de Alex Gurunga², baseada na experiência do projeto *Vibra Dança*, que investiga os estímulos sonoros e visuais como dispositivos de criação em dança para pessoas surdas. Por fim, a experiência de criação da *DançaFilme Feito à Mão*, uma obra de dança para crianças, criada por William Gomes e Lucas Valentim, junto ao Coletivo Carrinho de Mão.

2. Beijo de Línguas: Encruzilhada, Dança, Comunicação e Exu

Eu, Elinilson Soares, sou um artista surdo, intérprete, professor e tradutor de Libras, com graduação em Letras/Libras. Atualmente, mestrando pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança (PRODAN). Minha trajetória artística envolve criações de dança, performance e literatura, trazendo como referências elementos da cultura afro-brasileira e da cultura surda. Em 2018, iniciei minha atuação como artista e ativista dos direitos civis das pessoas negras e surdas, desenvolvendo formações artísticas para surdos em Salvador/Ba. Em 2019, fundei o Projeto Mãos Axé³, que integra poesia surda, dança e teatro, com o propósito de tornar a arte acessível ao povo surdo.

Foi nesse contexto que conheci Lucas Sol, intérprete e tradutor de Libras, além de artista visual. Nossa colaboração teve início com a ideia de criar algo que refletisse nossas identidades preta e baiana, diferenciando-se das práticas dos *slans* de poesias surdas realizados em São Paulo. Inspirado pela pesquisa de mestrado de Cibele Toledo Lucena (2017), intitulada *Beijo de Línguas: quando o*

1 Desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança, sob orientação do Prof. Lucas Valentim Rocha

2 Desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança, sob orientação do Prof. Lucas Valentim Rocha

3 Acesse: <https://www.instagram.com/maosaxeoficial/>

poeta surdo e o poeta ouvinte se encontram e pelo *Slam do Corpo*, iniciativa pioneira que envolve poetas surdos e ouvintes, decidi adaptar essa ideia para uma performance onde eu e Lucas Sol, um surdo e um ouvinte intérprete de Libras, se apresentam de forma integrada. Em vez de sinalizar e falar, separadamente, os corpos se unem, interpretando uma cena juntos, uma composição compartilhada. Utilizamos técnicas onde cada um usa um braço para fazer sinais comuns, criando uma imagem visual integrada.

Sobre o beijo de línguas, Cibeles nos diz:

Dois poetas em um sarau – um surdo, outro ouvinte – apresentando um mesmo texto em dois corpos, duas línguas, dois mundos, é um beijo. O beijo é esse acontecimento entre os corpos. No beijo não tem uma língua mais importante e outra menos, não tem uma língua dominante e outra dominada. (Lucena, 2017, p. 25).

A trajetória conjunta com Lucas Sol foi marcada por diversas experiências e projetos. Nossa primeira grande colaboração foi a performance *Correndo na Rua*⁴, que aborda o capacitismo e o racismo. A partir dessa performance, desenvolvemos uma metodologia própria de criação, baseada no *Beijo de línguas* e influenciada pelo *Slam do Corpo*, através do poeta surdo Edinho Poesia.

Traduzimos a proposta deles para refletir nossas experiências e identidades, trabalhamos juntos para desenvolver uma linguagem artística que envolve tanto o Português quanto a Libras. Uma forma de arte acessível às duas culturas. Essa colaboração foi o catalisador para eu avançar na minha pesquisa e ingressar no mestrado profissional.

Minha pesquisa, intitulada: *Beijo de Língua: Encruzilhadas de uma Dança entre pessoas surdas e ouvintes que se comunicam pelo movimento de Exu*, visa explorar as intersecções entre as culturas surda e ouvinte através da Dança e da Poesia. Exu é uma referência ao orixá, que na cultura afro-brasileira é conhecido como o mensageiro dos deuses, o guardião das encruzilhadas e das comunicações. Exu facilita a comunicação entre o mundo espiritual e o mundo material, representando transformação, movimento e fluidez entre diferentes estados de ser. Sem Exu, não existe comunicação, nem caminho.

4 Acesse em: <https://youtu.be/nGDYAGkgE7Q?feature=shared>

Exu é o primeiro orixá a ser saudado em qualquer rito dos candomblés. É o que come primeiro. É a quem saudamos primeiro. É a quem primeiro se canta e se dança nas festas públicas e ritos de toda ordem. Se não há reverência a Exu, nenhuma ritualística é percebida pelos outros orixás, pois ele é o responsável pela comunicação, pela transmissão da palavra, pelo movimento mesmo de tudo o que há. Ele é dínamo. Sem Exu o movimento que embala o som para a chamada dos orixás não ocorre, o movimento do corpo não se dá. (Santos, 2020, p.7)

Através do movimento e da performance, pretendo investigar como as barreiras sociais entre surdos e ouvintes podem ser superadas, criando uma forma de arte que é acessível para todas as pessoas. Vivemos em uma sociedade capacitista, que exclui e cerceia as possibilidades de convívio entre pessoas com e sem deficiência. A comunicação é uma necessidade fundamental para o povo surdo. A promoção da Libras é crucial, pois a maioria das pessoas são ouvintes e, muitas vezes, desconhecem a importância da língua e da cultura surda. Minha pesquisa busca, portanto, não apenas transcender a tradução entre Libras e Português, mas promover trocas e produção de conhecimento sobre a cultura surda.

Além da questão da acessibilidade, minha pesquisa também tem um forte caráter antirracista. Como homem negro, utilizo a influência da cultura afro-brasileira para enriquecer minha arte e abordar questões de racismo e capacitismo. Incorporar elementos da cultura afro-brasileira, especialmente a influência de Exu, é uma maneira de destacar a importância da comunicação e da transformação na arte. A dança, nesse contexto, torna-se um meio poderoso para explorar essas encruzilhadas culturais, oferecendo novas perspectivas e promovendo o acesso. A arte, assim, torna-se uma ferramenta de resistência e transformação, capaz de desafiar preconceitos e promover um entendimento mais profundo entre diferentes comunidades.

3. Projeto Vibra Dança

Sou Alex Gurunga, homem preto, baiano e ouvinte. Encontrei a comunidade surda através do *Projeto Teatro Escola*⁵, em Salvador, uma escola de arte educação focada em jovens negros das periferias, oferecendo uma variedade de disciplinas artísticas. Uma dessas, foi o minicurso de Libras nas Artes, onde na primeira aula me revelou uma dura realidade: as enormes barreiras comunicacionais enfrentadas pelo povo surdo. Esse encontro foi um divisor de águas, levando-me a uma reflexão profunda sobre meu papel enquanto artista e cidadão.

Comecei então a me perguntar: "Como surdo dança?" Motivado por essa nova perspectiva, decidi mergulhar no estudo da Libras e investigar a dança na perspectiva das pessoas surdas. Esse mergulho me permitiu entender a importância da acessibilidade, e explorar o som enquanto energia mecânica, vibração que pode ser sentida por todo o corpo, e não apenas ouvida. A colaboração com Elinilson Soares, um grande amigo e parceiro, foi crucial nessa fase. Nossa parceria se ampliou e em fevereiro de 2022, produzimos a Mostra Negra de Arte Surda LGBTQIAPN+, *Monas+*, que marcou a primeira experiência prática do *Projeto Vibra Dança*, realizada de forma online devido às restrições da pandemia.

Inspirado pelas reflexões da percussionista surda Evelyn Glennie³, compreendi que o som pode ser sentido como vibração pelo corpo, não apenas ouvido. Glennie argumenta que "ouvir é basicamente uma forma especializada de toque". (Glennie, 2008, *apud* Finck, 2009, p.61). E descreve o som como ar vibrante que o ouvido transforma em sinais elétricos interpretados pelo cérebro, desafiando a separação tradicional entre audição e sensação. Ela também enfatiza que a surdez não implica necessariamente em uma ausência total de percepção sonora, mas sim em uma disfunção na audição.

Durante as experimentações, explorei métodos para que os surdos pudessem sentir as vibrações usando um *laptop*. A pesquisa de Nadir Hagiara-Cervellini ressalta como a sociedade pode privar certos grupos, como os surdos, do acesso à cultura musical devido a padrões capacitistas enraizados. Ela diz: "Fazer música é uma prática natural que se tem tornado privilégio de alguns e, enquanto possibilidade, costuma ser subtraída da vida do deficiente auditivo em todas as

5 Acesse: <https://www.instagram.com/p/CzGtp2CuiQy/?igsh=Y21hZDVpcXlxMXV6>

instâncias: família, escola, sociedade.” (Cervellini, 2003, p. 12-13). Tal fala, evidencia a importância de proporcionar acesso às artes à todas as pessoas, desde cedo.

Na oficina online, *Monas+*, a utilização de referenciais da dança dos Orixás, foi escolhida por dois fatores: meu estudo sobre a simbologia dos movimentos nessas danças e a natureza percussiva, que proporciona uma vibração mais intensa do que instrumentos harmônicos, oferecendo uma percepção tátil maior aos surdos. “O som, é uma onda mecânica que se propaga através de meios materiais como ar, água e superfícies sólidas.” (Resnick; Walker; Holliday, 2010, p. 137). Essa característica permite que o som seja sentido pelo corpo, o que é fundamental para a percepção sensorial dos surdos. Sons graves, em particular, produzem vibrações mais intensas que podem ser percebidas de maneira tátil.

Na prática, ao utilizar instrumentos percussivos como o atabaque, as vibrações produzidas são transmitidas pelo chão de madeira, permitindo que os participantes sintam o ritmo através do corpo. Tal abordagem transforma a dança em uma forma de expressão que não depende exclusivamente da audição, mas que se torna acessível através do tato. As vibrações dos sons graves são sentidas, ajudando os participantes a perceberem o ritmo e a explorarem movimentos de dança de maneira autêntica e significativa.

Após as primeiras experiências, no contexto *online*, dei continuidade ao projeto *Vibra Dança* com a oficina presencial. Introduzi duas questões: “Surdo pode dançar?” e “Exu não é o diabo”. A primeira desafiava a concepção convencional de que pessoas surdas não podem dançar, noções enraizadas na sociedade capacitista. A segunda visava um caráter antirracista ao projeto, desmistificando estereótipos e promovendo uma compreensão mais profunda da cultura afro-brasileira. A parceria com o projeto de pesquisa e extensão Axé Libras, de Wermerson Silva⁶, que se dedica à tradução de termos de religiões de matrizes africanas para Libras, foi fundamental. Esse projeto aproximou ainda mais a comunidade surda e negra de Salvador à riqueza da cultura afro-brasileira.

⁶ Wermerson é Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade pela UESB (2022) e Mestre em Educação e Diversidade pela UNEB (2018). Ele possui graduação em Letras/Libras pela UFPB (2016) e em Pedagogia pela Universidade Paulista (2011), além de pós-graduação em Tradução e Interpretação de Libras pela mesma instituição (2012).

Apresentei vídeos de Wermerson Silva, em Libras, explicando os fundamentos do Candomblé e desmistificando a figura de Exu, desfazendo preconceitos. Essa abordagem promoveu a socialização e fortaleceu a identidade cultural do povo negro surda.

Escolhi um espaço com piso de madeira, devido à sua capacidade de transmitir mais vibrações. A madeira é um bom condutor de vibrações, o que permite que os participantes sintam as ondas sonoras através do chão. Utilizei um atabaque equipado com um microfone para captar e amplificar as vibrações. O som era então transmitido por caixas grandes que ficavam no chão. Pedi que todos os participantes se deitassem permitindo que as vibrações percorressem seus corpos enquanto o som dos atabaques ressoava. Percebi também, que durante o toque do Atabaque, as mãos do percussionista em movimento forneciam uma referência visual do ritmo, complementando a experiência tátil. Esta combinação de estímulos visuais e táteis mostram que a dança e a música são acessíveis de maneiras diversas.

A partir do encontro com a comunidade surda, percebi a importância de adaptar práticas artísticas para incluir aqueles que não ouvem. Minha primeira experiência prática com Vibra Dança foi crucial para entender as necessidades específicas do povo surdo. A adaptação das oficinas para um ambiente online, utilizando *laptops* e priorizando frequências graves para melhor percepção tátil, foi um aprendizado significativo. A transição para as oficinas presenciais trouxe novos desafios e descobertas. Utilizar o atabaque não apenas reforçou a conexão com a cultura afro-brasileira, mas também facilitou a percepção visual.

4. Projeto Feito à mão – Libras, dança, infâncias

“a infância não generalizada e estereotipada, mas sim infâncias no plural, levando em conta as experiências socioculturais e políticas da criança no Brasil”. (Xavier; Adeodato, 2023, p. 1201).

Vamos começar fazendo uma fila. A fila era composta por pessoas surdas, ouvintes, cadeirante, homens e mulheres, crianças de várias idades. A ideia era fazer um *telefone sem fio* de gestos e imagens. A criação no Projeto Feito à Mão,

começou assim, como uma brincadeira, possibilitando a convivência, nem sempre harmônica, entre pessoas diferentes. A brincadeira, sempre fez parte desse processo de criação e das produções artísticas geradas nele, o que nos aproxima bastante das reflexões tecidas por Xavier e Adeodato:

O brincar nessa proposta criativa para dançar é a base metodológica, e se faz em cada encontro através das miudezas já mexidas, reviradas pelo movimento da chegada: folhas, flores, troncos, histórias, lápis, pigmentos, argila, pedras, conchas, histórias e um tanto de outras coisas possíveis de manusear, construir e dançar. (...) O que é o brincar para uma criança? Como é o brincar mediado por um adulto em uma aula de dança? Não o brincar que a gente acha que é brincar pela ideia do adultocentrismo, ou o brincar infantilizado, mas o brincar como ritual e ação dilatada de tempo-espço, como possibilidades imersivas que extrapolem o campo da apresentação cênica na Dança, e abram as portas dos sentidos para as texturas e os prazeres do movimento corporal espontâneo e autônomo, entendendo-o como a própria Dança e convite para um mover criativo e integral do corpo. (Xavier; Adeodato, 2023, p.1205)

A ideia era desenvolver um processo de criação a partir do encontro com crianças surdas e ouvintes para compor uma obra de dança e um livro (em formato físico e em formato virtual – *audiobook e posias surdas*) refletindo sobre as mãos como forma de comunicação, produção de imagens, deslocamentos e encontros. No projeto, escrito em 2018, para buscar financiamento em edital, falávamos assim:

As mãos tem grande importância na evolução da espécie humana, na medida em que possibilitaram a habilidade de pinçar, agarrar e segurar objetos. Tal habilidade possibilitou o ser humano construir tecnologias, criar ferramentas e se utilizar delas. Mãos que contam nossas histórias em suas linhas. Mãos empurram a cadeira de rodas, mãos que conversam com outras mãos, mãos que fazem as rodas girarem, mãos que se despedem, que seguram outras mãos, que limpam as lágrimas, que desenharam arcos-íris. Mãos do artesanato, da biometria e da geração *touch*.

Metodologicamente, dividimos o processo de criação em 4 eixos, sendo o primeiro direcionado à equipe e os demais organizavam o roteiro de encontro com as crianças surdas e ouvintes:

- **Mãos como comunicação** – Este eixo foi o primeiro do projeto e tratava de uma formação em Libras, ministrada pelos artistas e professores Cintia

Santos⁷, Elinilson Soares⁸ e Evandro Bispo⁹, para a formação da equipe. O intuito era produzir repertórios de criação e possibilitar uma preparação para o encontro entre a equipe e as crianças surdas.

- **Mãos como deslocamento** – Orientada pelo artista-professor-pesquisador Edu O.¹⁰, este eixo teve como intuito a experimentação de maneiras de deslocamentos, jogos, coreografias e trânsitos poéticos que tinham o uso das mãos como foco de deslocamento. Edu O. é cadeirante, e por este motivo, desenvolveu qualidades de movimentação e habilidades motoras com as mãos que os corpos bípedes muitas vezes desconhecem, ou não buscam conhecer, movidos pela *bipedia compulsória* (Carmo,2023).
- **Mãos como imagem** - Neste eixo, William Gomes¹¹ e Nei Lima¹² assumiram a direção do processo com proposições criativas para experimentar as mãos como imagem: símbolos, signos, representações, traduções, gestos etc. William, além de dançarino, é designer gráfico e Nei é figurinista, se utilizaram de seus conhecimentos e princípios criativos destas áreas para o desenvolvimento das proposições.
- **Mãos como encontro** - Encontro como ambiente de afeto: carinho, briga, raiva, tensão. Orientado por Lucas Valentim¹³ que desenvolveu em sua pesquisa de doutorado uma discussão sobre políticas do encontro e trouxe estas informações para propor experimentos compositivos, que se traduziram em formas de apertos de mão, brincadeiras e jogos como “andoleta”, cabo de guerra, e as interações virtuais que possibilitam encontros à distância.

Este projeto, foi pensado para o público infantil, implicando a participação das crianças em todas as etapas de seu processo, desde as ações de formação até a criação artística. Compreendemos a criança enquanto sujeito criativo, propositor, agente de possíveis mudanças de paradigmas sociais.

7 Professora, artista do corpo e intérprete de Libras.

8 Um dos autores deste artigo.

9 Artista surdo, professor de Libras

10 Prof. Dr. Carlos Eduardo Oliveira do Carmo, docente da Escola de Dança da UFBA.

11 Um dos autores deste artigo.

12 Artista do corpo, figurinista, mestre em Dança, pelo PRODAN/UFBA.

13 Um dos autores deste artigo.

Vivemos na era digital, onde uma parcela da população infantil, principalmente nas grandes cidades, passa a produzir conteúdo sobre assuntos que lhe são próximos. No entanto, sabemos que isso ainda é privilégio de poucos, quer seja por questões econômicas e sociais, quer seja pela falta de acessibilidade que permita o acesso de crianças com deficiência à produção cultural. Assim, o *DançaFilme Feito à Mão*, conta a tecnologia assistiva (audiodescrição) em todos seus 4 episódios¹⁴.

Além disso, a escolha de não ter falas (apenas as da audiodescrição) também foi uma maneira que escolhemos para propor outras perspectivas entre pessoas ouvintes e surdas, e contribuir para a equiparação das desigualdades de acesso e aproximar realidades. Compreendemos a importância de investimento em projetos que pensem na diversidade, que olhem para cada corpo-criança, co-criando juntos, enquanto potência criativa.

Tivemos ainda a publicação do livro e do audiolivro *feito à mão*¹⁵ que é composto por poesias escritas por Cintia Santos, Edu O. e William Gomes, e poesias-surda composta por Elinilson Soares e Evandro Bispo¹⁶. E vale ressaltar que todas essas poesias foram criadas a partir dos desenhos das crianças (com e sem deficiências) participantes das oficinas. O livro é composto por um caixa com cartelas, de um lado são os desenhos das crianças - que podem ser montados como um mosaico-, do outro lado são as poesias escritas em português. As poesias-surdas são acessadas por um *qr code* que nos direciona para uma *playlist* de vídeos para cada desenho.

5. Considerações

Escolher o que dançar, como dançar, sobre o que dançar, com quem (com)pôr a dança, em qual lugar dançar e, até mesmo, como falar sobre a dança que se faz... tudo isso é política. Toda escolha é ideológica, não podemos nos isentar disso. Se a dança que eu faço não permite a presença e o acesso das pessoas com deficiência, pessoas corpos e gêneros diversas, pessoas pretas e pessoas indígenas, isso fala mais

14 Playlist com os Episódios da DançaFilme Feito à mão: https://www.youtube.com/playlist?list=PL_2T-LHg3iro82vCC3zsMcb6VcHS1ZIHq

15 Audiolivro Feito à mão: <https://youtu.be/V5HP-fWRz1U?si=zgnv7sbwOx5FewgS>

16 Playlist com as Poesias Surdas do Livro Feito à mão: https://www.youtube.com/playlist?list=PL_2T-LHg3irpBvYc-xSVland_UYIJXdrH

sobre a minha dança do que sobre essas pessoas. (Carmo; Rocha, 2021, p. 236).

Ao finalizarmos este texto, recorreremos a citação acima para refletir sobre o encontro entre pessoas surdas e ouvintes. Não apenas, como dissemos no início do texto, um espaço coabitado, mas como uma escolha política, ética e estética na direção da acessibilidade, como mais uma camada da criação em Dança.

As três experiências compartilhadas, apresentam contextos distintos e possibilidades múltiplas de formas de criação em Dança a partir da troca entre a cultura surda e a ouvinte. Tais ações comprovam que a experiência da dança não é restrita a quem ouve, a pessoa surda dança.

É possível destacar princípios de criação como o diálogo poético entre línguas (Português e Libras), trabalhado no Projeto *Beijo de Línguas: Encruzilhada, Dança, Comunicação e Exu*, de Elinilson Soares; a visualidade, o ritmo e a vibração, desenvolvidos no *Projeto Vibra Dança*, de Alex Gurunga; a brincadeira e o jogo como modo de composição, propostos no *Projeto à Mão*, de Lucas Valentim e William Gomes.

6. Referências

CARMO, Carlos Eduardo Oliveira do. **Vocês, bípedes, me cansam!** Modos de aleijar a Dança como contranarrativa à bipedia compulsória na Dança. 226 f. 2023, Tese (Doutorado) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Multi-Institucional Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento - MMDC, Campus I. 2023.

CARMO, Carlos Eduardo Oliveira; ROCHA, Lucas Valentim. Dança, Política e Acessibilidade: Confissões para Odete. In. SOUZA, Marco Aurélio da Cruz; XAVIER, Jussara. **Tudo isto é Dança**. Salvador: Editora ANDA, 2021.

FERREIRA DOS SANTOS, L. C. (2020). **EXU E OS IBEJIS INVENTAM O CONTRATEMPO**. *Eleuthería - Revista Do Mestrado Profissional Em Filosofia Da UFMS*, 5(ESPECIAL), 06 - 23. Recuperado de <https://periodicos.ufms.br/index.php/reveleu/article/view/12205>

FIGUEIREDO, João e EUGENIO, Fernanda. **Secalharidade como ética e como modo de vida**: o projeto AND_LAB e a investigação das práticas de encontro e de

manuseamento coletivo do viver juntos in Revista Urdimento. CEART/ UDESC, Santa Catarina, n. 19, p. 63-71, 2012

FINCK, Regina. **Ensinando Música ao Aluno Surdo**: perspectiva para a ação pedagógica inclusiva. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

HAGUIARA-CERVELLINI, Nadir. **A musicalidade do surdo**: representação e estigma. São Paulo: Plexus Editora, 2003

RESNICK, Robert; WALKER, Jearl; HALLIDAY, David. **Fundamentos de Física - Volume 2 - Gravitação, Ondas e Termodinâmica**, 4ª edição. Rio de Janeiro, Editora LTC, 1996.

LUCENA, Cibele. **Beijo de Línguas** - quando o poeta surdo e o poeta ouvinte se encontram. 154f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

XAVIER, Adriane da Rocha; SOUZA, Beatriz Adeodato Alves de. **A natureza no brincar**: traçados metodológicos de um processo criativo de dança para infâncias. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 7, 2023, Brasília. Anais eletrônicos [...]. Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, 2023. p. 1200-1214.

Alex Silva Santos

(UFBA)

alexsseng@gmail.com

Mestrando em Dança pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da UFBA, onde investiga dispositivos de criação em dança na experiência com a cultura surda, integrando visualidade, vibração e Libras com elementos da diáspora afro-brasileira. Idealizador do projeto Surdarte, que promove a diversidade e acessibilidade na arte.

Elinilson do Espírito Santo Soares

(UFBA)

elinilson6@gmail.com

Artista surdo, intérprete e tradutor em Libras, com graduação em Letras/Libras e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança (PRODAN).

Minha trajetória artística envolve processos em arte a partir das linguagens da dança, performance e literatura, trazendo como referências elementos da cultura afro-brasileira e da cultura surda.

Lucas Valentim Rocha

(UFBA)

lucasvalentimufba@gmail.com

Artista, professor da Escola de Dança da UFBA. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas/UFBA (2016-2019). Mestre em Dança pelo Programa de Pós-Graduação em Dança/UFBA (2012-2013). Licenciado em Dança/UFBA (2007-2011). Colíder do Grupo de Pesquisa PORRA: Modos de (Re)conhecer(se) em Dança. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1513-9182>

William Gomes da Silva
(UFBA)

williamgomess@gmail.com

Artista de corpo e imagem. Doutorando, mestre, licenciado e bacharel em Dança pela UFBA. Desenvolve estudos acerca das noções de colonialidades, branquitudes, problemáticas mestiças, processos de criação e desnudamentos, relacionando com práticas artísticas.

Um surdo dançarino na Pós-Graduação: sobre Dança, Exu e Comunicação

Elinilson do Espírito Santo Soares (UFBA)
Lucas Valentim Rocha (UFBA)

Antes do começo

Este texto é resultado da pesquisa de mestrado¹⁷ de Elinilson Soares, intitulada *Encruzilhada: Dança e Comunicação entre pessoas Surdas e Ouvintes*, orientada por Lucas Valentim.



Figura 01 – Elinilson Soares
Fonte: Arquivo pessoal

Audiodescrição: De perfil, foto em preto e branco. Homem negro, careca, de barba no queixo. Camisa branca de botão. Na orelha, um adereço de búzios. No pescoço, um colar com um pingente de búzio e duas guias de contas.



Figura 02 – Lucas Valentim
Fonte: Arquivo Pessoal

Audiodescrição: Homem branco, de barba. Camisa azul e um casaco marrom no pescoço como echarpe.

Trata de uma conformação às normas de comunicação, produção de conhecimento, maneiras de escrever e de compartilhar as ideias no contexto

¹⁷ Desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da UFBA (PRODAN)

acadêmico. Sendo Elinilson um homem surdo, que se comunica em Libras, e este texto é um manuscrito redigido em Português, foi necessário desenvolver procedimentos para tradução e escrita deste texto, entre os autores. Como por exemplo: conversar em Libras, traduzir para o Português escrito, traduzir novamente o que foi escrito para Libras, a fim de considerar se a tradução estava correspondendo com a fala inicial. Manobras criativas para dar conta de cumprir com a necessidade da escrita deste artigo.

Sabemos que a estrutura acadêmica e suas normatividades correspondem a um projeto de manutenção de poder de uma elite branca, cisgênera, sem deficiência, de classe média e alta e, por muito tempo, de homens cis. Entretanto, aos poucos, esse espaço vem se modificando a partir das demandas e lutas dos movimentos sociais organizados. Hoje já temos políticas de ações afirmativas (cotas raciais, de gênero e para pessoas com deficiência e bolsas de permanência).

Por outro lado, a mudança na estrutura não é tão simples. Não basta a entrada de pessoas com deficiência no ambiente universitário, mas é preciso criar condições reais de acesso ao ensino, à pesquisa e à extensão. É preciso o esforço coletivo de docentes para propor metodologias acessíveis, é preciso que a universidade garanta espaços acessíveis (com rampas e pisos táteis), tradutores de Libras e audiodescritores nas salas de aulas e nos eventos universitários.

Elinilson foi um dos, ainda poucos, que furou a bolha. Homem negro e surdo, vindo de família sem muitos recursos financeiros, mas sempre disposta a dar condições para que pudesse ter autonomia e possibilidades de escolha. O primeiro surdo que tem a Libras como primeira língua, a ter o título de mestrado em Dança no Brasil¹⁸. Aqui, apresentaremos os resultados desta pesquisa, mas também, as dificuldades enfrentadas para conseguir transitar em um espaço que não foi projetado para o seu corpo.

¹⁸ Temos outras pessoas com deficiência auditiva unilateral ou com baixa audição como Líria Moraes e Sinha Guimarães, ambas artistas e professoras de dança que ingressaram à pós-graduação em Dança na UFBA. Temos também a Flávia Maria de Oliveira Silvino, que foi a primeira mulher surda oralizada a defender um mestrado em Dança na UFRJ, com a dissertação: *Dançando com o silêncio: caminhos para o trabalho de dança com surdos*.



Imagem 3 – Elinilson e sua família na defesa de mestrado

Fonte: Arquivo Pessoal

Audiodescrição: Na foto tem 4 pessoas negras abraçadas dentro de um palco de teatro. Da esquerda para direita: Elinilson pousa sua mão em um atabaque, ao seu lado está sua mãe, ao lado dela, sua irmã e, por fim, seu sobrinho.

Primeira Encruzilhada

Nossa conversa poderia começar assim: era uma vez criança surda, ela vivia amarrada em uma mesa enquanto seus pais saíam para trabalhar, porque segundo eles, **ela não sabia se comunicar**. Ou talvez assim: era uma vez um jovem surdo que ficava a maior parte do tempo trancado no quartinho do fundo, porque a família **tinha vergonha dele não saber falar como as outras pessoas**. Ou quem sabe: era uma vez uma menina que tinha as mãos amarradas na escola para **aprender a falar como as outras crianças**, e quando de castigo ela era obrigada a **sentar-se sobre as mãos**.

Nossa conversa poderia começar por qualquer uma dessas versões, pois todas elas, em alguma medida, flagram episódios que fazem ou fizeram parte do

cotidiano da comunidade surda. A história da surdez, pelo menos nos registros da história eurocêntrica, começa numa relação com a igreja católica, pois são os padres os primeiros professores de pessoas surdas. Já no Brasil, tal história tem uma íntima relação com a colonização, pois foi Dom Pedro II, quem mandou trazer de Portugal os primeiros professores para ensinar as metodologias europeias as pessoas surdas. Uma relação no mínimo preocupante, uma vez que as informações ensinadas serviam à uma perspectiva colonocristã (Silva, 2021).

Até hoje, em diversos contextos, amarras subjetivas são instituídas, institucionalizadas e camufladas de inclusão. São muitas as pessoas surdas que crescem sem aprender Libras, que são forçadas a oralizar ou, ainda, a fazerem implantes cocleares.

Não estamos aqui condenando à medicina ou buscando culpabilizar famílias, mas o fato é que a compreensão sobre as deficiências foi, historicamente, e ainda é em divers contextos, definida, identificada e tipificada a partir da Classificação Internacional de Doenças (CID). Sem levar em consideração aspectos das relações sociais que impõem padrões de corpo, de comunicação e de relações afetivas ditas **normais**. Cibele Toledo Lucena reflete sobre isso:

Um diagnóstico de surdez, por exemplo, pode permitir que a pessoa acesse uma comunidade surda e conquiste uma língua de sinais e, a partir delas, habite seu corpo para além da ideia de mutilação. Porém, os investimentos nas tecnologias médicas são movidos por interesses capitalísticos sustentados pela lógica de que os corpos precisam ser eficientes. Portanto, corpos deficientes precisam ser reabilitados. Assim, pesquisas científicas se traduzem ao longo da história em políticas públicas que procuram negar a existência surda “através de terapias, treinamentos orofaciais, protetização, implantes cocleares e outras tecnologias avançadas”¹⁹. (Lucena, 2017, p. 64)

Em diversos casos, pessoas surdas não sabem se comunicar em Português, porque nem foram alfabetizadas, pela falta de condições instrumentais e metodológicas para assegurar à essas pessoas o direito de frequentarem uma escola, por exemplo.

¹⁹ A citação final da fala de Cibele Toledo, está em diálogo com LOPES, Maura Corcini. *Surdez e Educação*. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 9.

A história escolar dos surdos é marcada por um esforço de não aproximá-los, inibindo a existência e o fortalecimento de comunidades surdas, espaços com potencial de aprofundar e proliferar as línguas de sinais; surdos pobres foram apagados por completo da experiência escolar enquanto surdos nobres foram treinados por professores particulares para ler e oralizar e, assim, serem “bons herdeiros”. Escolas e internatos começam a aparecer como opção de formação dos surdos, sempre na condição das crianças terem seus corpos controlados, vigiados e normatizados. (Lucena, 2017, p. 44)

Entretanto, não desejamos nos ater apenas a esta versão da história. Sabemos, como nos diz Adiche (2019), sobre o perigo da história única, pois “insistir só nas histórias negativas é simplificar minha experiência e não olhar para as muitas outras histórias que me formaram.” (Adiche, 2019, p. 26).

Edu O.²⁰, em sua tese de doutorado, nos diz que ao repercutirmos apenas a história do sofrimento das pessoas com deficiência, reforçamos a própria normatividade de corpos: “Pela história única que conhecemos sobre as pessoas com deficiência e se repetem na mídia, na Dança e nos mais variados ambientes, acreditamos que somos tristes, pessoas isoladas, incapazes e sem possibilidade de uma vida social ativa”. (Carmo, 2023, p. 35). Afinal, “essa é a história do poder contada pela perspectiva do colonizador que, habilmente, transforma a narrativa sobre alguém como sua história definitiva, como a verdade absoluta sobre um povo ou uma cultura. (Carmo, 2023, p. 35).

Movidos por estas reflexões, decidimos por começar nossa história de outro jeito. Apesar da realidade brutal que cerceia o acesso de pessoas surdas aos espaços e ao conhecimento, escolhemos começar nossa história assim: <https://youtu.be/ICCad2gF6s8>.

No vídeo acima, Elinilson nos conta sua trajetória quando criança, a relação com sua família sendo o único surdo. A comunicação entre ele e seus pais. As brincadeiras e a interação, sem exclusão ou distinção, com as outras crianças. Os primeiros contatos com a dança e o desejo de um dia ser professor. Hoje, artista da dança, do teatro e do audiovisual, professor de Libras, graduado em Pedagogia bilíngue e Mestre em Dança. Elinilson nos conta sua própria história com outros marcadores.

²⁰ Carlos Eduardo Oliveira do Carmo

Segunda Encruzilhada

A pesquisa tem como objetivo principal refletir sobre Dança e acessibilidade, a partir de uma investigação artística que tem como foco a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes. Sendo Elinilson, um homem preto nascido em Salvador/Ba, a demarcação racial e a relação com as entidades do candomblé aparecem, especialmente na relação com Exu, o guardião das encruzilhadas e da comunicação.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa é uma bricolagem entre a Prática como Pesquisa “metodologia que vem se mostrando como um paradigma coerente e promissor para as artes que enfatizam o corpo e seus processos como forma de criar conhecimento.” (Fernandes, 2013, p. 81). Na medida em que é a prática artística da criação de um espetáculo solo de dança que guia as questões da pesquisa. E a escrevivência (Evaristo, 2020), proposição desenvolvida como forma de afirmar histórias não contadas nas versões da **História oficial**.

É uma escrita em que o sujeito se coloca no seu espaço de pertença, no seu espaço de nascença, no espaço de vivência – porque o deslocamento cria elos afetivos, com o lugar que ele passa a habitar, além da memória do espaço e de onde ele veio. Normalmente, o texto acaba muito fincado nesses espaços, que eu chamo também de geografia afetiva. O sujeito vai narrar fatos muito próximos de sua vida ou da sua coletividade, e isso é uma forma, uma produção, sem sombra de dúvida, de uma escrevivência. (Evaristo, 2020)

E assim, a pesquisa propõe cruzamentos entre as histórias de vida de Elinilson, suas reflexões sobre o mundo na perspectiva surda e as possíveis ficções sobre os episódios vividos.

Terceira Encruzilhada

O encontro de Elinilson com a poesia surda se deu através de Edinho Santos²¹, poeta surdo, referência nas batalhas de *slam*. O *slam* é um movimento

²¹ Edvaldo Carmo dos Santos, o Edinho Santos, é educador surdo do Itaú Cultural. Atua em várias áreas. Como poeta, tem participação no Slam do Corpo e se classificou entre os cinco melhores no

que envolve uma disputa, ou batalha, entre poetas que declamam suas poesias. O Edinho, adentrou este espaço junto com um intérprete de Libras e apresentou sua poesia *Mudinho*, vencendo a batalha. Esta modalidade foi ganhando repercussão na comunidade surda, e hoje, já existem diversas iniciativas de *slam* com poesia surda. Uma publicação na página da Piparote – Revista de Literatura e Arte²² conta esse evento:

Considerado um dos artistas mais inovadores na poesia contemporânea, Edinho teve seu nome reconhecido quando finalista na competição de Poesia Falada no evento ISLAM BR, em 2017, destacando-se na performance em Libras com o poema “O mudinho”. Ao lado do poeta James Bantu, o seu intérprete, Edinho encontrou no amigo e no corpo a extensão que expressa a metáfora, a narrativa, o ritmo, a imagem e a inovação estética desta arte em crescimento no Brasil.



Figura 4 – Edinho

Fonte: Arquivo pessoal

Audiodescrição – Homem negro de camisa e boné pretos. Usa cavanhaque, tem um olhar simpático em direção a câmera.

Elinilson já conhecia o trabalho de Edinho, várias pessoas surdas comentavam sobre sua poesia. Foi então que teve a oportunidade de conhecê-lo e aprender com ele sobre a poesia surda e os caminhos compositivos que Edinho desenvolveu para criar suas poesias.

Slam SP. Como ator, participou do filme O Matador. Como produtor, trabalhou no Vibração, no Bloco Vibramão e no Festival de Cultura Surda, do Itaú Cultural. Como ativista negro e surdo, compôs a organização do Congresso Nacional Social de Inclusão Negros Surdos. Na educação, também compôs equipes do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP), do Museu do Futebol e do Museu Afro Brasil. (Acesso em: Piparote – Revista de Literatura e Arte <https://revistapiparote.com.br/edinho-santos-o-poeta-do-silencio-e-do-corpo/>)

²² Acesso em: <https://revistapiparote.com.br/edinho-santos-o-poeta-do-silencio-e-do-corpo/>

Outra referência importante nas artes do corpo para a comunidade surda é o Léo Castilho²³, e foi com ele que Elinilson conheceu a prática do Beijo de Línguas (Lucena, 2017), que trata do encontro entre o poeta surdo e o poeta ouvinte, entre a Libras e o Português.

Dois poetas em um sarau – um surdo, outro ouvinte – apresentando um mesmo texto em dois corpos 1, duas línguas, dois mundos, é um beijo. O beijo é esse acontecimento entre os corpos. No beijo não tem uma língua mais importante e outra menos, não tem uma língua dominante e outra dominada. (Lucena, 2017, p. 25)



Figura 5 – Léo Castilho

Fonte: Arquivo pessoal

Audiodescrição – Homem pardo, cabelos cacheados, de barba. Olha para câmera com a mão direita pousada no rosto na altura da boca. Usa roupa de frio.

Movido por sua experiência como homem preto, soteropolitano, Elinilson se encontrou com o Tradutor de Libras Lucas Sol²⁴, e juntos começaram a desenvolver algumas experiências de criação a partir da ideia do Beijo de Línguas. Mas as poesias traziam narrativas e questões relacionadas ao contexto afro-referenciado. Foi aí que juntos criaram a poesia Correndo na Rua: <https://youtu.be/nGDYAGkgE7Q?feature=shared>

²³ Leonardo Castilho é artista, educador e produtor cultural. Ex-diretor de cultura da Associação de Surdos de São Paulo – ASSP.

²⁴ Graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), e em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Educacionais (FACE), cantor e intérprete de Libras.



Figura 6 – Lucas Sol e Elinilson

Fonte: Arquivo Pessoal

Audiodescrição – Lucas Sol e Elinilson apresentam sua poesia, Lucas é um homem negro, está de cabelos trançados e usa óculos. Está com uma camisa vermelha igual a de Elinilson, com a marca *Rua Sinalizada*.

Tal experiência começou despertar em Elinilson o desejo de aprofundar a relação entre poesia surda, dança e o beijo de línguas. Na pesquisa de mestrado, propomos racializar a discussão proposta por Lucena (2017), a partir da aproximação com cultura afro-baiana. Assim, nos aproximamos de Exu, orixá que na cultura de terreiro é conhecido como o mensageiro, o guardião das encruzilhadas e das comunicações. Exu possibilita a comunicação entre o mundo espiritual e o mundo material, representando transformação, movimento e fluidez entre diferentes estados de ser. Sem Exu, não existe comunicação, nem caminho.

Exu é o primeiro orixá a ser saudado em qualquer rito dos candomblés. É o que come primeiro. É a quem saudamos primeiro. É a quem primeiro se canta e se dança nas festas públicas e ritos de toda ordem. Se não há reverência a Exu, nenhuma ritualística é percebida pelos outros orixás, pois ele é o responsável pela comunicação, pela transmissão da palavra, pelo movimento mesmo de tudo o que há. Ele é dínamo. Sem Exu o movimento que embala o som para a chamada dos orixás não ocorre, o movimento do corpo não se dá (Santos, 2020, p. 7).

Por isso a ideia de pensar a encruzilhada como ambiente de criação, como lugar de passagem, como comunicação. Se há barreiras na comunicação entre o povo surdo e ouvinte, como aprender através de um pensamento guiado por Exu a criar outros caminhos de acesso? Como criar uma obra de Dança que flagre as barreiras comunicacionais, mas, ao mesmo tempo, aponte criativamente movimentos de acesso, afeto e troca entre surdos e ouvintes?

Quarta Encruzilhada

A criação do espetáculo solo *Encruzilhada de Exu*, se deu a partir da ampliação do conceito Beijo de Línguas (Lucena, 2017), para ser pensado como uma metodologia de criação em Dança. Desse modo, a ideia foi investir na colaboração criativa entre pessoas surdas e ouvintes. Foram convidados três artistas ouvintes, que tem noções básicas ou intermediária de Libras, para emergir com eles em residências artísticas, sem o acompanhamento de intérpretes, com a finalidade de investigar movimentos e discursos para composição de cenas. Compreendemos esta forma de trabalhar um exercício prático do beijo de línguas fora da cena. Mas no campo da investigação. Uma criação que surge do encontro entre duas línguas.

O primeiro deles foi Edu O., que convidou Elinilson para participar do projeto *Nunca mais abismos*. Projeto cênico criado como um desdobramento de sua pesquisa doutoral, desenvolvido a partir do protagonismo Def. Cansado de ler sobre as histórias contadas e recontadas dos abismos gregos e das violências sofridas pelas pessoas com deficiência, Edu encontra na leitura dos textos de Tobin Siebers (2010), uma defesa de que a produção artística Def. teve grande influência na história das artes, mas foi apagada ou escondida no quartinho do fundo.

(...) não aceitamos mais os abismos históricos que nos excluem e violentam também no campo da Dança. No encontro com outros(as) artistas fortalecemos as redes de afetos e de apoio que nos impendem a queda e podemos recontar nossa história, afirmando os espaços que ocupamos. (Carmo, 2023, p. 165)

Neste projeto, Elinilson desenvolveu a célula de um solo que partia das questões que vinham sendo trabalhadas em sua pesquisa de mestrado, tratando das experiências da pessoa surda na Dança e a dificuldade de comunicação entre surdos e ouvintes.



Figura 7 – Edu O.

Fonte: Me2 Produções

Audiodescrição: Edu O. é um homem, branco, careca de barba. Está em sua cadeira de rodas, sorrindo e alisando a careca com a mão direita.

O segundo, foi o Thiago Cohen²⁵, que veio com a proposta de partilhar alguns princípios de movimento desenvolvidos por ele em sua pesquisa de mestrado. Na proposta, Thiago trouxe uma relação de conexão com a terra, com a vibração e com a pulsação. Aproximando tais dispositivos de investigação com a ideia de encruzilhada.

²⁵ Artista da dança formado pelo Curso Técnico em Dança da ETEC de Artes do Estado de São Paulo (SP). Graduado em Dança pela UFBA. Mestre em Dança pelo PORDAN/UFBA com a pesquisa: *FLORESTA - A poesia como magia afropindorâmica nos processos de criação em Dança*.



Figura 8 – Thiago Coehn

Fonte: João Rafael Neto

Audiodescrição: Homem afro-indígena de barba, cabelos na altura dos ombros. Usa camisa de botão aberta. Tem no pescoço um colar de contas coloridas.

Em seguida, foi a vez de encontrar com William Gomes²⁶, que trouxe um trabalho mais voltado para as experiências de Elinilson com as danças de rua da Bahia (samba e pagode). A criação de um mapa de giz no chão para guiar a dramaturgia da cena, explorando um elemento fundamental na cultura surda que é a percepção visual E também uma investigação de movimentos a partir dos arquétipos relacionados à Exu e a Maria Padilha.



Figura 8 – William Gomes

Fonte: Dani de Iracema

²⁶ Artista do corpo e da Imagem. Licenciado em Dança, Mestre em Dança pelo PPGDança/UFBA com a pesquisa: *Masturbatório: a Dança como um dos desnudamentos do corpo*. Atualmente é doutorando em Dança pelo mesmo programa.

Audiodescrição – Homem pardo de camisa branca, olhos fechados, calça comprida. Está agachado de cócoras, uma mão toca o chão e a outra está suspensa no ar em frende a seu corpo.

Levantado esse material, que teve a criação e a direção compartilhada com esses artistas apresentados acima, deu-se então a fase de construir a dramaturgia da cena como um todo. Neste momento, nos encontramos para decidirmos juntos quais os caminhos e as ordens das cenas. O que ficaria e o que não iria fazer parte do solo *Encruzilhada de Exu*, de Elinilson Soares. Criamos ainda algumas cenas de ligação e inserimos elementos da cultura surda como a poesia-surda e os Classificadores.

O Classificador é um dos tipos de sinais que constituem a Libras. Em geral, eles descrevem características, ações, forma, tamanho, movimento ou direção. Facilmente confundido, por pessoas que não conhecem a cultura surda, com a mímica, por ser um tipo de sinal descritivo. A presença desse elemento na encenação, pode causar certo estranhamento, uma vez que a dança contemporânea, propõe certa ruptura com a ideia de representação, em busca de uma performatividade (Setenta, 2008) que apresente ao invés de representar. Entretanto, o classificador não ocupa o lugar da representação na Língua Brasileira de Sinais, ele é um elemento fundamental na estrutura da língua.

Outro aspecto do espetáculo é que nele, Elinilson busca construir canais de diálogo com a plateia sem a presença de intérpretes de Libras. A comunicação há de acontecer, afinal a encruzilhada é o lugar propício para isso acontecer. Ao se pôr no risco de habitar a encruzilhada diante de uma plateia ouvinte, que lhe observa, Elinilson provoca em seus interlocutores ouvintes a sensação que tantas vezes vivenciou, quando foi assistir espetáculos feito por pessoas ouvintes que não se importavam em ter tradução em Libras. É um convite para refletir, mas sobretudo uma busca de comunicar.

Para acessar o espetáculo na íntegra:
<https://www.youtube.com/watch?v=QJ5YDLHzgmE&list=PL6AQnoTjZWTa1TsGCfS9DuIMB80D6G2O>

Quinta Encruzilhada



Figura 10 – Sinal do espetáculo

Fonte: William Gomes

Audiodescrição da imagem: Elinilson é um homem negro, careca, sem camisa. ele olha para a frente em direção à câmera e apresenta o sinal criado para o seu espetáculo. O sinal é uma junção do sinal de encruzilhada e do sinal de Exu. Cruza os braços em frente ao corpo formando um X. Uma das mãos estendida e a outra mão está fechada.

Depois do fim

Houve o dia em que ao entrar era o único surdo.

Houve o dia em que o surdo decidiu dar aulas de Libras para a turma. Não porque era bonzinho, mas porque queria e precisava se comunicar.

Houve o dia em que o setor responsável pela acessibilidade na instituição disse que não tinha dinheiro para contratar intérprete de Libras.

Houve o dia em que as aulas pararam porque não daria para continuar sem intérprete de Libras.

Houve o dia em que a professora deu aula de costas para o surdo.

Houve o dia em que gravamos vídeos lendo textos em Português e traduzindo para Libras. Era importante para a pesquisa e não havia material didático ou referenciais bibliográficos traduzidos.

Houve o dia em que o professor resolveu estudar Libras para dar aulas de dança.

Houve o dia em que chegou uma nova surda!

Houveram vários dias em que o surdo perguntou aos colegas da turma onde estava a acessibilidade nas pesquisas deles.

Houve o dia em que o surdo dançou e se despiu para ser percebido.

Haverá um dia em que muitos outros surdos estarão neste lugar também.

Haverá dias...

A ver lá.

Referências

CARMO, Carlos Eduardo Oliveira do. **Vocês, bípedes, me cansam!** Modos de aleijar a Dança como contranarrativa à bipedia compulsória na Dança. 226 f. 2023, Tese (Doutorado) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Multi-Institucional Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento - MMDC, Campus I. 2023.

EVARISTO, Conceição. CONCEIÇÃO EVARISTO – **A escrevivência serve também para as pessoas pensarem**. Entrevistadores: Tayrine Santana, Alecsandra Zapparoli. *Itaú Social*, [s. l.], 9 nov. 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-servetambem-para-as-pessoas-pensarem/> . Acesso em: 17 jun. 2024.

FERNADES, Ciane. **Em Busca da Escrita com Dança**: Algumas Abordagens Metodológicas de Pesquisa com Prática Artística. Dança, V2. Salvador; **2013**.

GURUNGA, Alex; SOARES, Elinilson do Espírito Santo; ROCHA, Lucas Valentim; SILVA, William Gomes da. **Um texto para falar sobre encontros**: pessoas surdas e ouvintes na criação em Dança. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 8, 2024, Salvador. Anais eletrônicos [...]. Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, 2024. p. 2086-2099.

LUCENA, Cibele Toledo. **Beijo de línguas**: quando o poeta surdo e o poeta ouvinte se encontram. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Programa de Pós-Graduação Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2017.

FERREIRA DOS SANTOS, L. C. (2020). **Exu e os Ibejis Inventam o Contratempo**. *Eleutheria - Revista Do Mestrado Profissional Em Filosofia Da UFMS*, 5(ESPECIAL), 06 - 23. Recuperado de <https://periodicos.ufms.br/index.php/reveleu/article/view/12205>

SETENTA, Jussara. **O Fazer-dizer do corpo**: dança e performatividade. Salvador: EDUFBA, 2008

SILVA, William Gomes da. **Masturbatório**: a dança como um dos desnudamentos do corpo. 2020. 99f. Dissertação (Mestrado em Dança). Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.